

COPEL

INFORMAÇÕES

ANO XVII - Nº 116 - ABRIL/86

“TERMÔMETROS” DA ESTIAGEM

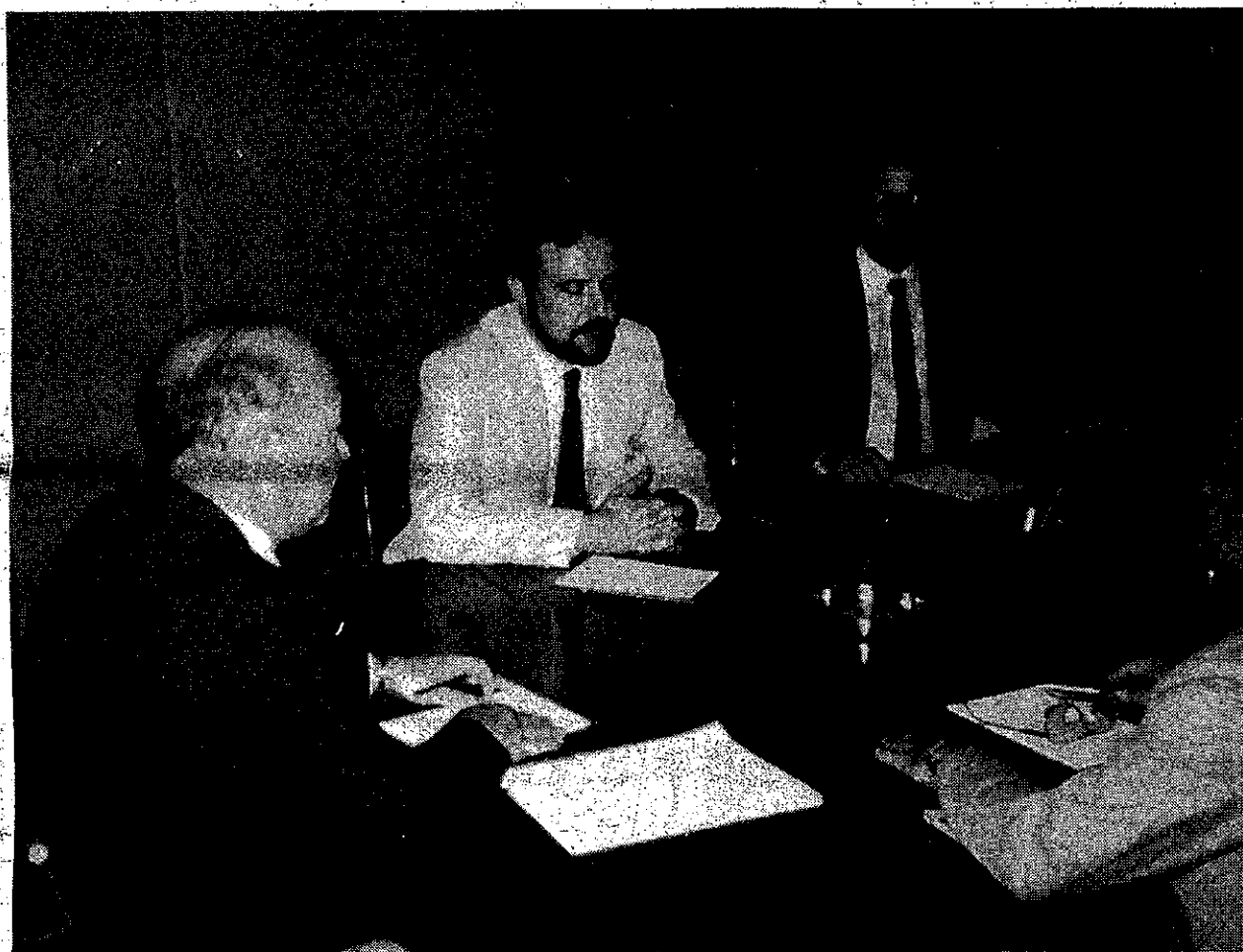
A seca veio, a seca se foi. Mas a reboque do flagelo, emergiu uma estrutura que através do valioso acompanhamento técnico dos fatos ajudou a Empresa e todo o Estado a superar o grande desafio. São os “termômetros” da seca, que dia a dia quantificaram o estado clínico do Estado-paciente, e subsidiaram com informações e previsões o trabalho da área de geração. Veja quem são e como é o seu trabalho nas páginas centrais desta edição.

ALTAIR CAVASSIN
PRE/ARP
ASSESSORIA RELACOES PUBLICAS

R CEL DULCÍDIO 800

CURITIBA

ANEEL: PRIMEIRA REUNIÃO



A diretoria da Associação Nacional das Empresas Estaduais de Energia reuniu-se em Brasília para avaliar o Plano Cruzado no setor. Francisco Gomide, presidente da Copel, faz parte da diretoria da Anel, como representante do Sul. (cortesias do encontro na pág. 3).



AVALIAÇÃO MOTIVOS E OBJETIVOS

LIGUE 329

A Assessoria de Relações Públicas abriu um novo canal de comunicação com os empregados da Empresa — uma secretária eletrônica que atende pelo ramal 329, da Sede.

Diariamente, através desse ramal, você poderá obter notícias da Empresa e informações gerais de utilidade pública. Ainda, às segundas-feiras terá o resultado da loteria esportiva e às segundas e quintas o resultado da loto, logo após a extração.

Ao final do noticiário você pode mandar o seu recado dando sugestões para reportagens no Copel Informações ou para divulgação através do ramal 329.

Comunique-se. A Assessoria de Relações Públicas ouve você.

“CANNON”, O DA COPEL



CLIC RURAL E URBANO BENEFICIA MAIS DE 4 MIL, NO MÊS



Foram inauguradas durante o mês de abril em todo o Estado 2.129 ligações do Clic Rural e 1.966 ligações do Clic Urbano, em solenidades às quais estiveram presentes o governador José Richa e o presidente Francisco Gomide. As obras concluídas pela Copel beneficiam dezoito municípios, nos quais foram aplicados investimentos globais da ordem de 14,5 milhões de cruzados.

A primeira das solenidades aconteceu dia 4 de abril, sendo dadas por concluídas obras em Ipororã, Jataizinho, Leopoldina, Rancho Alegre, Sertaneja, Sertãozinho e Uraí; no dia 11 foram entregues ligações em Centenário do Sul, Florestópolis, Miraselva, Nossa Senhora das Gra-

ças e Porecatu; no dia 18 nova etapa de inaugurações em Andirá, Nova Fátima, Siqueira Campos, Telêmaco Borba e Wenceslau Braz, e por fim no dia 19, em Tijucas do Sul.

Desde o início do governo Richa até o dia 15 de abril último, a Copel tinha eletrificado 80.481 propriedades rurais, construindo para isso 27.913 quilômetros de linhas e redes de distribuição. Já o Clic Urbano conseguiu estender os benefícios da eletricidade a 48.932 famílias de baixa renda em todo o Estado e a custos bastante reduzidos. Em 32.130 desses domicílios, a Copel efetuou também o serviço de fiação interna.

DESIGNAÇÕES

DAF

Ricardo Iwersen para gerente da divisão de Serviços de Viagens - DPSA/DVSV, cumulativamente com a gerência do Departamento de Serviços Auxiliares - DPSA, em 14.04.86.

Dargan Bento Patitucci Júnior para Assessor da SAJ, em 09.04.86.

LAC

Luiz Eduardo Caron para gerente da Divisão de Estruturas do DPFO, em 24.04.86.

Paulo de Oliveira Fernandes para gerente da Divisão de Dielétricos do DPFO, em 24.03.86.

DDI/SRC

Walter Francisco Schneck Júnior para gerente da Divisão Regional de Controle de Qualidade de Distribuição.

Milton Latorre França para gerente da Divisão Regional de Manutenção de Distribuição.

Humberto Sanches Netto para Divisão Regional de Rede Subterrânea, cumulativamente com a gerência do DPRO - todas as alterações aconteceram a partir de 9 de abril último.

COPEL COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA

Diretores
Francisco Luiz Sibut Gomide
Presidente

José Carlos Pupo Persson
Administrativo-Financeiro

Wilson da Silva
Distribuição

Alcyr de Castro Ricardo dos Santos
Engenharia e Construção

Antônio Otelo Cardoso
Operação



Boletim mensal de distribuição dirigida editado pela
Assessoria de Relações Públicas - ARP

Conselho Editorial
Marcus Aurélio de Castro,
Rubens Roberto Habitzreuter, Roméu Franzen

Jornalista Responsável
Júlio A. Malhadas Jr. - DRT/PR nº 851

Correspondentes
Amauri Clóvis C. Nascimento (ED/FOZ); Antonio Tadeu da Silva (SRC), Carlos Alberto Zasatzki (CTRP), Clarice Maria Rosetti (ED/PTO), Cleidir Batista Gomes (CTRV), Clóvis Vissoci (CTRM), Damaceno Maurício da Rocha (CTRL), Eder Dudczak (SRV), Edson Luiz Vieira (SRC), Francisco Meyer (ED/PGA), Humberto Martinez (JMF), João Guilherme de Castro (ED/APA), Jorge Lima de Souza (CTRC), José Bueno Perucci (GBM), Leocildes Senhorini (SRM), Luiz Costa (ED/CMO), Márcio José M. de Carvalho (Segredo), Mauro Nunes de Oliveira (ED/CPO), Odair Domingos dos Santos (GPS), Orides Gimenez (ED/UMU), Ronaldo Follador (SRP), Salvador Francisco de Oliveira NT. (SRL), Sérgio Carvalho Monteiro (ED/UVI), Valter José Bruno (ED/PVI).

Arte
Albano Pereira, Francisco Bettiga Netto

Fotografia
Irineu Nievoia, José Carlos Simões

Circulação
Altair Cavassin

Redação
Rua Coronel Dulcídio, 800 - 10º andar,
Fone: 224-0400 - Ramais: 315 e 541 - Curitiba - PR.

IMPROBIDADE FORA DO SERVIÇO

JUSTA CAUSA PARA DISPENSA DE EMPREGADO

A CLT, no seu art. 482, ao arrolar os motivos que constituem justa causa para a rescisão do contrato de trabalho, consigna na letra a: ato de improbidade.

É entendimento assente, tanto na doutrina como na jurisprudência, que pouco importa ocorra a conduta desonesta do empregado no serviço ou fora dele, esteja ou não diretamente ligada ao vínculo empregatício.

A punição do ato de improbidade ocorrido fora do expediente encontra fundamento no fato de que, tal falta, se constitui numa violação da obrigação geral de conduta do empregado. Sendo o contrato de trabalho "intuitu personae" em relação ao empregado, o fator confiança se caracteriza como um dos seus pilares de sustentação.

O empregador sabendo, por exemplo, que seu empregado se apropriou indevidamente de qualquer bem material ou cometeu algum furto ou roubo, é naturalmente levado a perder a confiança naquela pessoa, principalmente quando, em razão da natureza das funções que exerce, está em jogo o seu patrimônio ou mesmo o patrimônio de terceiros.

De se ponderar, entretanto, que toda e qualquer dispensa por justa causa deve se revestir de prova cabal, sob pena de ser ilidida se recorrer ao Judiciário o ex-empregado. Maior seriedade ainda exige-se quanto à prova de justa causa decorrente de conduta externa do empregado, como é o caso de improbidade fora do expediente.

Aliás, na justa causa sob exame, há também que considerar que trata-se da mais séria imputação a ser feita ao empregado, com possíveis repercussões na vida familiar e social do acusado, motivo por que sua prova deve ser robusta, sobre a qual não deve pairar qualquer dúvida.

É oportuno salientar que a improbidade, cujo conceito no âmbito trabalhista abrange as manifestações desonestas do empregado que constituam atentado ao patrimônio, prescinde de decisão judicial, daí porque justificar-se ainda mais o rigor quanto a sua imputação.

A título de ilustração, transcrevem-se as seguintes ementas de acórdãos:

"O ato de improbidade, por sua natureza, justifica a despedida do trabalhador, mesmo quando praticado fora do serviço" (rev. TST, 1ª T. Proc. 13/71, In Manual das Justas Causas, de Antônio Lamarca, Ed. Rev. dos Tribunais, ano 1977, pág. 342).

"Sendo a mais séria acusação que se pode levantar contra alguém a improbidade só pode ser aceita mediante prova irretorquível: a honra é o maior patrimônio do homem". (Ac. do TRT da 5ª Reg. nº 335/75, In Justa Causa, de Wagner D. Giglio, Ltr, 1981, pág. 73).

Adv. Antônio Winkert Souza

(Boletim Jurídico - maio/85)

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO ONDE SE PRETENDE CHEGAR

Para o gerente de uma empresa com poucos empregados, é fácil conhecer a atividade de cada um, seu desempenho, sua capacidade e seu potencial. E numa empresa do porte da Copel, com mais de 8 500 empregados, como é possível conhecer e registrar o potencial ativo e emergente de cada um?

O processo da Avaliação de Desempenho adotado na Copel identifica e registra o bom e também o mau desempenho; permite estabelecer os objetivos a serem alcançados pelo empregado; é, acima de tudo, uma atitude democrática e participativa, onde gerente e subordinado conversam, discutem e analisam, conjuntamente, os resultados do trabalho, a

potencialidade do empregado e a possibilidade de aperfeiçoamento através de treinamento específico.

O conceito preliminar que se tem de avaliação de desempenho nos leva imediatamente a relacioná-la com promoção salarial. Mas este é apenas um dos resultados a ser obtido. Na verdade, o principal objetivo é permitir que sejam apontados pontos fortes e fracos para que sejam efetuados ajustes, visando sempre a melhoria do desempenho e o aumento da produtividade.

Na entrevista, a seguir, com o gerente do Departamento de Desenvolvimento de Pessoal, Joel Souza e Silva, você conhecerá o sistema de avaliação de desempenho utilizado pela Empresa, este ano.



COPEL INFORMAÇÕES — O QUE É AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO?

JOEL SOUZA E SILVA — Especificamente, é um processo contínuo e sistemático de apreciação e registro de desempenho e identificação do potencial do empregado, onde são avaliados os resultados do trabalho de cada um.

CI — POR QUE FAZER AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO?

JOEL — É que existe a necessidade da Empresa em conhecer os seus empregados e efetuar registros da sua vida funcional na Copel, bem como as suas contribuições.

CI — QUAIS OS OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS PELO ACOMPANHAMENTO DE PESSOAL?

JOEL — O principal é fornecer subsídios para uma adequada Administração de Recursos Humanos da Empresa, no tocante a: identificação de necessidade de treinamento dos empregados; integração do empregado no trabalho (achar o lugar certo para ele); identificar empregados em condições de assumir cargos mais elevados; identificar desempenhos excepcionais para que a Empresa efetue promoções; permitir ao empregado mudar de área ou local de trabalho; e cadastrar contribuições de empregados.

CI — QUAL FOI O PROGRESSO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ANO PASSADO PARA O DESTE ANO?

JOEL — Diversas foram as mudanças introduzidas no processo valendo citar, entre outras, a implantação da entrevista gerente/supervisor-subordinado, eliminando a Auto-Avaliação; a eliminação da figura do Co-Avaliador; eliminação da Nota Global Ajustada, criando a Nota Global de Desempenho dada pela Superintendência; melhoria no conteúdo de avaliação e processamento de dados permitindo obter resultados mais rápidos.

CI — O QUE É A ENTREVISTA DE AVALIAÇÃO?

JOEL — Isso é oportuno frisar. Entrevista é uma das etapas mais importantes de todo o sistema de avaliação uma vez que permite ao gerente e ao subordinado discutirem problemas de trabalho e de desempenho, em diálogo aberto e franco.

CI — E QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DA ENTREVISTA?

JOEL — Vou citar os principais: estabelecer melhores relações no trabalho procurando demonstrar ao avaliado que está interessado em seu progresso e em ouvir suas opiniões; reconhecer o bom trabalho do avaliado, elogiar suas habilidades, incentivar sua auto-confiança e encorajá-lo a melhorar ainda mais no futuro; comunicar ao avaliado, com tato e discrição, as áreas nas quais seu desempenho precisa melhorar; planejar, juntamente com o avaliado, um programa de auto-aperfeiçoamento; colocar-se à disposição do avaliado para ajudá-lo no seu autodesenvolvimento.

CI — QUAIS OS RESULTADOS ESPERADOS, A CURTO PRAZO, COM A AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO?

JOEL — Primeiro, fornecer subsídios para que a área de Recursos Humanos possa avaliar/reavaliar os cargos discrepantes entre o enquadramento e as atribuições atuais. Por exemplo: uma funcionária enquadrada como datilógrafa, desempenhando as atividades de desenhista; e comparar o treinamento já previsto para os empregados com a avaliação de desempenho.

CI — QUAIS SÃO AS RECOMPENSAS E AS PUNIÇÕES DE UM SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO?

JOEL — A avaliação servirá de subsídios para premiar os empregados com excelente desempenho, bem como prepará-los para assumir novos cargos ou funções.

Por outro lado mostra também que empregados que apresentam mau desempenho continuamente por vários anos, devem ser punidos e até mesmo excluídos do quadro de pessoal da Empresa.

CI — ACOMPANHAMENTO DE PESSOAL — COMO FUNCIONA?

JOEL — Bem, concluída a fase de Avaliação de Desempenho será iniciado o Inventário de Recursos Humanos, isto é: identificação das perspectivas de crescimento funcional do empregado, definindo um plano de treinamento, acesso a novos cargos, enfim planejar a carreira do empregado para os próximos anos. O programa de acompanhamento de pessoal ainda prevê a realização de uma pesquisa ampla de opinião dos empregados ao ambiente de trabalho, aos equipamentos de segurança e a outros elementos que, de alguma forma, influenciam no desenvolvimento de sua atividade.

CONCESSIONÁRIAS ESTADUAIS DE ENERGIA COM ASSOCIAÇÃO



Defender suas teses visando ao equilíbrio financeiro — este é o objetivo da recém criada Associação Nacional das Empresas Estaduais de Energia Elétrica — ANEEL. Segundo o estatuto, a entidade tem a finalidade de congrega, orientar e defender suas associadas, fomentar a mútua colaboração e assistência, bem como colaborar com os poderes públicos no estudo e solução dos problemas que tenham relação direta ou indireta com a energia elétrica e outras formas de energia.

A Associação congrega as 23 concessionárias estaduais tendo como presidente Paulo Vitor de Lara Rezende; os outros diretores são os presidentes da CELPA, Ambire Glück Paul, da CELPE Heraldo Borborema Henriques, da CEMIG Guy Maria Villela Paschoal e da COPEL Fran-

ciço Luiz Sibut Gomide.

A reunião do dia 17 de abril (a primeira da Aneel) serviu para montar uma estratégia de atuação das empresas estaduais frente o Plano da Reforma Econômica. Da reunião resultou a formação de um comitê econômico-financeiro para estudo dos problemas das empresas diante da nova política governamental e elaboração de um documento sobre a situação das concessionárias para apresentar sugestões ao governo, através do Ministério das Minas e Energia. Segundo o presidente da entidade, ela visa discutir os problemas que são comuns às empresas e encaminhá-los, através de um só canal, às autoridades governamentais.

ANIMAIS PEÇONHENTOS

A incidência de acidentes com animais peçonhentos, este ano, está maior que nos anos anteriores.

Provavelmente, isto se deva à estiagem prolongada que assolou o Sul do país deixando as matas secas e obrigando os animais a procurarem água nas proximidades das cidades.

Outro aspecto a considerar, é o desmatamento; quando os homens avançam desmedidamente mata a dentro e se vêem surpreendidos pelas picadas de animais peçonhentos.

Os riscos são muito graves em decorrência da escassez dos antivenenos, pois ocorrerá, certamente, um retardamento no atendimento à vítima.

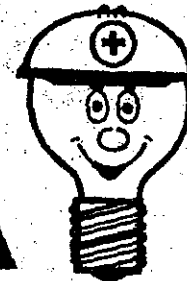
Ao caminhar no mato, atente bem por onde pisa. Antes de colocar a mão ou se encostar em árvores ou arbustos, observe se não há alguma cobra, aranha ou outro animal. Isto pode acontecer.

Não descuide da sua segurança: use botas de couro até a altura dos joelhos. Evite matar esses animais. Se for possível capturá-los com vida, envie-os para o DPSM, que se incumbirá de remetê-los aos centros de estudos e fabricação de antivenenos, de modo a propiciar a continuidade da produção.

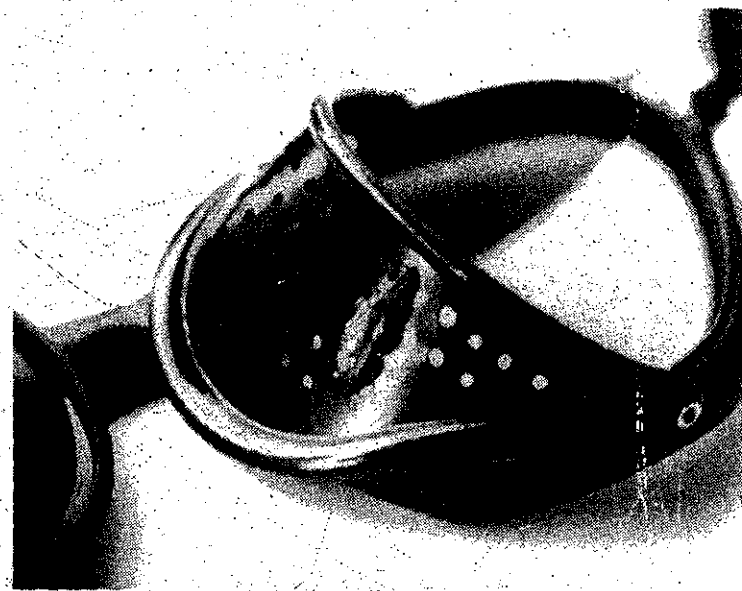
A seguir fornecemos algumas recomendações, divulgadas pelo Instituto Butantã, que podem ser úteis em caso de acidentes com animais peçonhentos.

- O PACIENTE DEVE SER MEDICADO NAS PRIMEIRAS 3 HORAS APÓS O ACIDENTE. O ANTIVENENO É O ÚNICO TRATAMENTO EFICAZ.
- NÃO USAR TORNQUETES, NÃO CORTAR, NÃO FURAR E NÃO QUEIMAR O LOCAL.
- OS SOROS TÊM PRAZO DE VALIDADE DE 2 A 3 ANOS E DEVEM SER MANTIDOS À TEMPERATURA DE 2 A 8°C. EVITAR CONGELAMENTO.
- SORO VENCIDO: PODERÁ SER USADO, DESDE QUE NÃO APRESENTE TURVAÇÃO, INJETANDO-SE O DOBRO DA DOSE INDICADA.

VOCÊ E A SEGURANÇA



VEJA BEM! NUNCA ESQUEÇA ÓCULOS DE SEGURANÇA



NAOR PINHEIRO DA SILVA, 32 anos, casado com Divaneide, 3 filhos, 8 anos de Empresa, electricista de plantão em Primeiro de Maio, é mesmo um homem de sorte. De sorte, não! É muito responsável quando se trata de segurança — equipamentos de segurança existem para serem usados...

A história em si é cotidiana, mas o fato acontecido é de máxima importância. Pois bem. Em março, Naor procedia a substituição de um elo fusível, na zona rural de Primeiro de Maio, durante a noite. Após executar o

serviço, bateu a chave intermediária. Por um defeito na linha, ocorreu nova queima de fusível e um dos pedaços, ainda em elevada temperatura, atingiu a proteção de plástico na lateral do óculos.

Não estivesse ele utilizando o equipamento de proteção, notadamente por ser à noite, as consequências seriam imprevisíveis. Com satisfação registramos o fato e parabenizamos o Naor pelo constante alerta com a segurança. Nas fotos, mostramos o colega e o estilhaço de fusível no óculos de proteção.

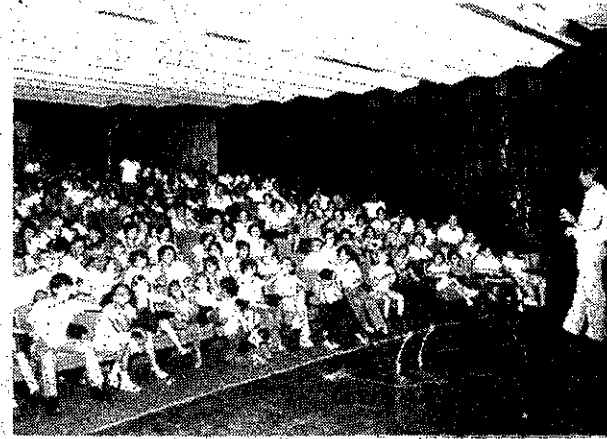
CORNÉLIO PROCÓPIO PROMOVE ENCONTRO SOBRE SEGURANÇA



"No lar a dona de casa é um soldado da segurança", na apresentação de Sérgio, Yara, Martinha e Tatiana.

Mais de trezentos e cinquenta pessoas participaram, de 24 a 26 de março, do II Encontro sobre Segurança levado a efeito pelo Escritório de Distribuição de Cornélio Procópio. O objetivo é dar ênfase ao programa de conscientização sobre os riscos de acidentes e suas consequências. O evento — do qual participaram também os familiares — visa um efetivo trabalho de prevenção de acidentes na Empresa e no lar, porquanto entenderam os idealizadores ser de suma importância transmitir ensinamentos preventivos a toda a família copeliana.

As palestras e apresentações de peças teatrais aconteceram em Cornélio Procópio (dia 24), Santo Antônio da Platina (dia 25) e Siqueira Campos (dia 26) com 167, 70 e 120 participantes, respectivamente.



"Análise e riscos de acidentes do lar", na palestra de Rene Mortari, Supervisor de Segurança.

ESPECIAL

OS "TERMÔMETROS" DA SECA



Há cerca de um ano o Paraná — ainda sem sabê-lo — começava a viver um dos piores momentos da sua história, a maior seca de que se tem notícia. O fenômeno, implacável, abateu-se com tal intensidade sobre todo o Sul do país a ponto de concretizar o até então impensável: faltou água para gerar eletricidade na quantidade necessária para o consumo de três Estados (fora outros danos, como a quebra de safras agrícolas, por exemplo). Foram meses de angustiada espera por chuvas salvadoras, pela volta das quais organizaram-se missas e procissões, e fiéis espontaneamente se sacrificaram e se submeteram a provações, transplantando para o rico Sul imagens e atitudes já bastante conhecidas e mesmo comuns no árido Nordeste.

Foi justamente nessa época que atenções e esperança, olhos e corações convergiram, na Copel e fora dela, para um único ponto, centro nervoso do que se poderia chamar um conjunto de "termômetros" da seca: um setor onde se obtinha preciosos dados de vazão e de ocorrência de chuvas, verdadeiros indicadores clínicos do estado de saúde de um paciente que lentamente agonizava, e de onde se esperava, dia após dia, por números que conseguissem provar estatisticamente a reversão do alarmante quadro pintado pela seca. A devastação, por ironia, vinha a acontecer menos de três anos depois de uma situação inversa, quando todo o Sul foi afogado por cheias decamilenares. Esse setor — a Coordenadoria de Hidrometeorologia, subordinada à SOS — é mostrado nas próximas páginas juntamente com alguns dos personagens anônimos (ou quase), que participaram diretamente do esforço de saciar a sede de informações sobre a seca em todo o Paraná. Todas essas pessoas, num conjunto tão harmônico quanto possível, trabalharam para que a população, apreensiva, soubesse em sua justa medida do andamento de um fenômeno que absolutamente ninguém quer ver repetido.

TARCÍZIO, O HOMEM DO TEMPO



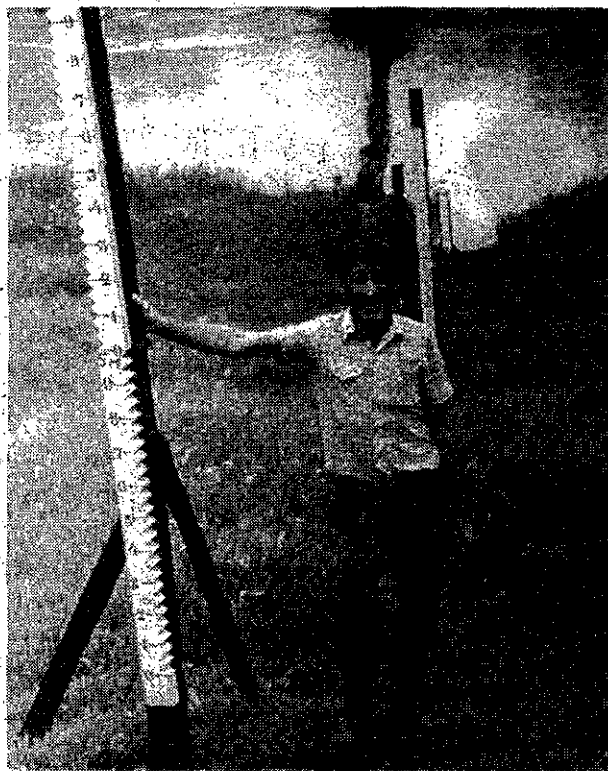
Desde o final de outubro passado, a área de Operação da Copel passou a receber imagens geradas por satélite meteorológico: são fotos da Terra que permitem a identificação de sistemas (suas origens e comportamento), e cuja análise subsidia e sustenta previsões. Esse equipamento, chamado UAI – Unidade de Acompanhamento de Imagens, é o braço direito de Tarcízio Valentim da Costa, o “homem do tempo”, encarregado de – com base na análise das imagens e dados repassados por colegas de diferentes pontos do Estado e do país – prever o comportamento do clima para as 24 horas subsequentes, e estabelecer tendências para mais 24.

Nascido em Cruzeta (RN), 28 anos, Tarcízio é formado pela Faculdade de Meteorologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, curso que concluiu em 1983, e com cursos e estágios no aeroporto do Galeão, também no Rio, e no próprio Inmet – Instituto Nacional de Meteorologia, em Brasília. Há um ano está na Copel, trabalhando na Cobi.

O trabalho de um meteorologista – poucos sabem – é altamente científico e qualquer previsão busca fundamentar-se na observação e análise dos mais diversos tipos de indicadores. É um trabalho especializado, e por isso mesmo há faculdades e até cursos de pós-graduação no Brasil destinados a formar elementos do mais alto gabarito: “Não tem nada daquilo de simplesmente olhar para o céu e dizer se vai chover, isso não é meteorologia, não é científico, mas mero palpite. Palpite qualquer um dá, e depende da sorte para acertar; as previsões dignas do nome levam em conta uma série de detalhes e apresentam uma margem de acerto acentuadamente maior que qualquer palpite, por mais calos que possa ter o curioso”. Tarcízio calcula que tem acertado mais de 80% das previsões diárias, o que é um bom índice dado que a natureza é, em essência, imprevisível.

As conclusões diárias da análise e observação de Tarcízio são importantíssimas para a área de Operação, que com elas pode exercer uma efetiva vigilância meteorológica em todo o Estado incluindo, até mesmo, previsão de cheias. Mais rotineiramente, é possível através da monitoração otimizar a operação dos reservatórios das hidrelétricas e – principalmente – ajustar o cronograma para trabalhos de manutenção, seja na área de transmissão ou distribuição, onde muitas vezes o serviço, para ser eficientemente executado, depende de condições meteorológicas favoráveis.

ANTÔNIO, NO RIO JANGADA



O posto pelo qual responde Antônio Leoni Marchesini, agricultor/apicultor e há 28 também observador, fica às margens do rio Jangada – importante tributário do Iguaçu, e da rodovia BR-153, proximidades do entroncamento com a estrada que vai a Bituruna e Foz do Areia. E ambos – rio e estrada – são constantes em pregar boas peças e sustos em Antônio e na sua família. “O rio, volta e meia, sobe pelas tabelas e espraia; a rodovia, esta já é bastante mais perigosa por causa dos caminhões voadores”.

É que tanto o posto quanto a casa de Antônio distam cerca de 20 metros da estrada, num desnível de três metros para baixo e num ponto bastante arriscado: vindos da direção de União da Vitória, os caminhoneiros arriscam uma pequena economia de combustível liberando os motores (a popular “banguela”); buscando aproveitar o acentuado declive de uns 500 metros de extensão. Os menos experientes ou que muito pouco

conhecem a estrada ignoram a curva bastante fechada que tem no final da “ladeira”, e na velocidade em que vêm não conseguem controlar o veículo. Moral da história: passam direto, “voando” por sobre o barranco, para desabar logo adiante de forma ameaçadora. Um deles, por sinal, acabou recentemente derrubando e danificando o cercado de proteção do pluviômetro da estação, por pouco não arrastando a cabine metálica onde a Copel instalou um rádio para que Antônio passe mais rapidamente os resultados das medições para a subestação de União da Vitória.

A casa de Antônio, mesmo, foi mudada de lugar para não correr tantos riscos: “Até há pouco era bastante comum pelo menos dois caminhões se acidentarem nesse ponto a cada semana, mas atualmente parece que os motoristas estão tomando juízo. Mesmo assim, resolvi mudar a casa de lugar, aproveitando que ela ainda estava inteira. Por pura sorte ela escapou intacta de alguns acidentes, e antes que viesse o pior acabei mudando mais para dentro do mato, uns 100 metros”.

Antônio está na região desde 1957, e já no ano seguinte começou a fazer medições. Dois anos depois, em 60, casou e foi morar em outro lugar – mas a tarefa continuava em família: substituiu-o o pai. Em 1971 Antônio voltou, e desde então reassumiu o posto onde também trabalha sua mulher, eventual substituta nos impedimentos. A rotina do trabalho não cansa, pois a exemplo dos colegas de outros postos Antônio vive o rio, convive, sente e se emociona com ele: “A cada nova leitura há a expectativa, a espera do novo que tanto pode ser a esperança de mais como de menos água, dependendo da ocasião. Em 83 – nunca vi coisa igual – o rio Jangada chegou a 4,40 metros na régua, quase cobrindo o marco (uma referência de nível instalada anteriormente), que em condições normais está a 16 metros do leito do rio”.

Nessa época, Antônio chegou a registrar, numa só leitura do pluviômetro, mais de 100 mm de precipitações – chuva de um mês praticamente, em poucas horas. “Essa era a ocasião de torcer pela baixa, por menos água; mas há questão de meses o panorama era inverso. Houve um dia em que a régua registrava um nível de apenas 24 centímetros de água. O rio praticamente secou. Os peixes, coitados, devem ter ficado com tosse de tanta poeira”, conta.

DONA ILZE, A DO ARMAZÉM

Ilze Vetterlein, catarinense de Araranguá, tem 51 anos de idade e já há dez presta serviços à Copel como observadora na estação de Porto Vitória, onde testemunhou tanto as cheias de 1983 quanto a seca dos últimos meses, situações extremas porém igualmente dramáticas. Dona Ilze convive com o rio. Iguaçu há muito tempo: é seu vizinho desde que a família mudou-se para Porto Vitória em busca de um clima mais satisfatório para a saúde de sua mãe e de um irmão.

O vizinho Iguaçu proporciona-lhe agradáveis lembranças: com uma ponta de nostalgia, dona Ilze recorda os tempos em que atravessava a nado uma distância de 260 metros até Porto Almeida, na margem oposta, o que lhe valia repetidas reprimendas dos pais. A disposição permanece ainda hoje, “mas o físico não é mais o mesmo”, resigna-se ela. “Falta-me um pouco de treinamento”.

As duas medições diárias que lhe compete fazer na estação (em ambas as oportunidades leitura de régua e de precipitação), dona Ilze executa seguindo um ritual já consagrado pelos dez anos de repetição: às 7 horas da manhã e às 5 da tarde, chova ou faça sol, dia útil ou feriado, dona Ilze não falha nunca. Ou melhor, quando há motivo suficientemente forte para impedi-la (além dos afazeres normais ainda assiste o marido, que é parafítico) é o “seu” Ary – dono do armazém onde trabalha – quem não deixa a peteca cair: solicitamente ele faz as medições por ela, ciente da importância desse

velho para a Copel. Aliás, o fato de trabalhar no armazém há 15 anos ante a dona Ilze e à própria Copel uma vantagem adicional: "Na grande enchente de 83, quando as réguas



mas ficaram submersas e não haviam instalado uma tra mais acima, eu fazia as medições de bote e usava metro de tecidos da loja, pois era o único jeito. Nessa oca, infelizmente, também fui impedida de fazer a tura das chuvas pois o pluviômetro ficou debaixo da ua". Ou, como disse "seu" Ary, "o penico submergiu". Mas de seu posto privilegiado de observação, dona de pôde contemplar o quanto é caprichosa a natureza: n 83, no dia 20 de maio, ela contou 116,4 mm de chuvas num único dia, numa época em que "faltou gua para medir o rio". Já no ano passado, ela passou na noite de Natal inquietante: a leitura da régua no dia 1 de dezembro acusou um nível de apenas dois centímetros: "Sobrou régua daquela vez". Em Porto itória, uma leitura de nível considerada normal deve se tuar em torno de 1,50 metro.

"SEU" JOÃO, HÁ CINQUENTA ANOS

Meio século dedicado a observar o rio Iguaçu, "um o matreiro e cheio de surpresas como a própria vida": sim começa a história de João Nehls, 72 anos, desde os ? medindo diariamente nível e chuva. O seu posto de observação está situado debaixo da ponte ferroviária e m a peculiaridade de medir as chuvas em Santa aratina e determinar o nível do rio no Paraná: é que as guas estão em União da Vitória e o pluviômetro em rto União, distante vinte passos.

"Seu" João sabe da importância do seu trabalho, e família se encarrega de oferecer a mais cabal monstração do fato: um dos filhos, seguindo o templo, também é observador na mesma estação. A ajetória de João Nehls começa em 1936 como ntratado do Ministério da Agricultura, prosseguindo ais tarde no Ministério de Minas e Energia e depois assando a trabalhar para a Copel, "a mais organizada a que melhor aproveita os índices que passo", diz.

Grças ao controle que exerce sobre as estatísticas do o, ninguém melhor que o próprio João para imensionar as acrobacias do Iguaçu, seu velho onhecido, ao longo de tanto tempo. A enchente de 83, or exemplo, ele não qualifica de "enchente", mas de "dilúvio", e lembra de imediato estórias e histórias orrentes na região sobre um lendário profeta chamado oão Maria, que quase cem anos antes alertara para o enômeno. "João Maria era tido como um iluminado, m eleito dos céus", conta ele, "a quem teriam sido estinados poderes para prever o futuro. Contam os

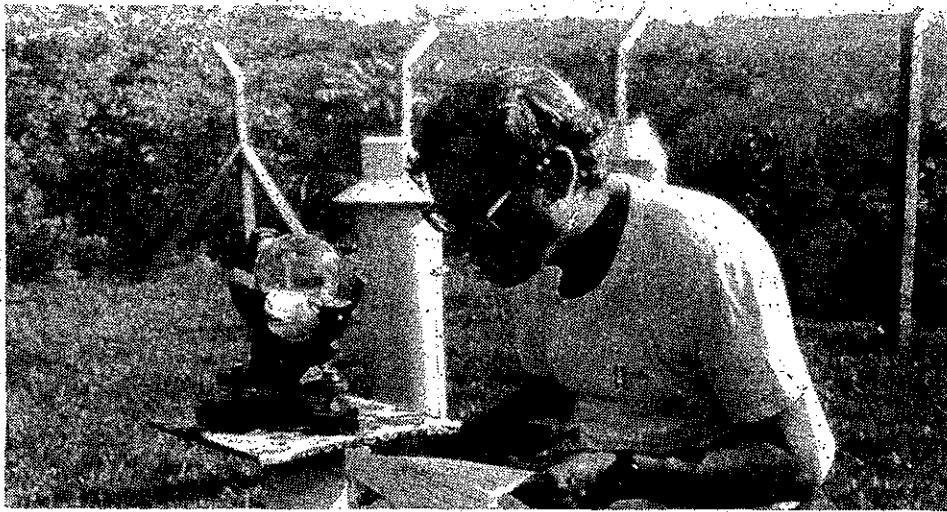
antigos que, certa feita, João Maria passava por União da Vitória, então recém-fundada, e, andarilho, fôra acolhido na casa do próprio fundador da cidade. Terminada sua estada, profetizou a seu anfitrião: "Antes do final do próximo século aqui haverá uma grande enchente, mas o rio não chegará até esta casa". A casa em questão ainda existe; fica um pouco retirada e no alto de um morro. Pois bem: quando a enchente de 83 estava no auge, eu e um companheiro, apreensivos, resolvemos ir até a casa, e qual não foi nossa surpresa ao ver que, de fato, a água não havia tomado a construção. Com uma régua, constatamos que faltavam oito centímetros apenas para que a casa fosse inundada. Dali uns dois dias, a chuva parou. Eu sabia que tinha de parar, pois com mais chuva a casa seria alcançada. Estava cumprida a profecia".

Mas porque haveria de ser justamente essa a enchente profetizada por João Maria? "Seu" João responde: "Porque foi a maior; semelhante à de 83 só a de 1911, que mesmo assim levou o Iguaçu à marca de 9 metros. Na de 83 o rio chegou a 10,42 metros". E a seca? "Bem, esta não foi a maior, ao que eu saiba, pelo menos aqui na região. No auge desta última estiagem, o Iguaçu chegou a 1,35 metro; em 1942 a coisa foi mais dramática, o nível chegou a 1,33 metro. Mas a seca durou dois anos". E o



que muda na vida de uma pessoa, assim tão vinculada a um rio, episódios como uma cheia ou uma seca? "Muda muito, pois é um pedaço da vida da gente que vemos sofrer e causar sofrimento. São fatos extremos, distantes entre si, que chegam a causar sentimentos estranhos: numa enchente torcemos para que o rio se comporte, seja obediente, que ande na linha e não extravase seu vigor, sua força. Na seca é parte da gente que definha, vai-se amofinando aos poucos, de quando em quando mostrando débeis sinais de recuperação que fazem a gente pensar numa breve normalização, mas dali a pouco se mostram enganosos, passageiros, e volta a angústia. É isso o que ocorre".

Um caso de amor, sem dúvida, que o tempo só faz ajudar a crescer. Mas, saudosista, João ainda acha melhor os tempos de antigamente. E tem uma boa razão: "Há 50 anos eu era bem mais moço..."



UM COMPLEXO METEOROLÓGICO

Na hidrelétrica de Foz do Areia quem coleta os dados diários de medição são os próprios operadores, que fazem a leitura de régua e de precipitação no pluviômetro. Mas lá há, também, uma verdadeira estação meteorológica equipada com uma monumental parafernália de equipamentos e aparelhos que a transformam num eficiente posto de coleta de dados, que ao final vão abastecer e engordar os registros estatísticos da Copel sobre o comportamento climático da região onde se situa a sua maior e mais importante usina hidrelétrica.

Embora sem vinculação direta com os "termômetros" da seca, este complexo meteorológico configura-se importante na medida em que é um catalizador de dados históricos que, para outras áreas, servem de parâmetro para novas obras de geração.

Adolfo José Lucht, que há cinco anos saiu de Capivari-Cachoeira para Foz do Areia, executá com mais dois técnicos (Antônio Gaspar Rocha Garcês e Alídio da Costa) o trabalho de três vezes por dia registrar as medições e marcas do arsenal existente no posto: às 9, 15 e 21 horas são feitas as leituras de barômetro (que mede a pressão atmosférica e que tem suas informações confrontadas com as do barógrafo), anemógrafo (registra o comportamento dos ventos, sua velocidade e direção), higrógrafo (marca a umidade do ar), termógrafo (que é uma espécie de termômetro gráfico), evaporímetro (aparelho que mede o grau de evaporação da água) — que por sua vez tem os dados comparados aos registrados pelo evaporígrafo, heliógrafo (engenho dos mais interessantes: é uma bola de cristal que, exposta ao sol, converge os raios para um único ponto e funciona também como uma lente de aumento; sob a esfera há uma tira de papel especial com marcações de horário, que se queima com a exposição e permite determinar, pelas marcas, durante quanto tempo e em que períodos do dia o sol brilhou), pluviógrafo e pluviômetro, e mais uma quantidade de termômetros especiais: um termômetro seco, um úmido, um de máxima e outro de mínima.

E logo a meteorologia estará entrando na era da informática em Foz do Areia: está para ser ligada a central meteorológica da estação, o que facilitará bastante o trabalho de registro e controle dos dados oferecidos pelos aparelhos. Mas ao lado do apuro tecnológico que brevemente marcará parte das atividades, um pouco do artesanal e da improvisação ainda se faz e fará presente: como, por exemplo, na determinação do grau de visibilidade. Evidentemente existem parâmetros e a experiência e prática no serviço contam muito: para Adolfo quantificar o que os olhos podem enxergar é bastante fácil. Numa escala de zero a sete (que compreende a situação em que é impossível enxergar um palmo adiante do nariz, até o dia claro e sem qualquer névoa), ele dá suas notas seguindo um roteiro já consagrado utilizando a própria paisagem: "Aquele montanha lá atrás (está vendo? aquela que só aparece a pontinha), se ela estiver bem nítida o grau de visibilidade é sete; assim como está hoje (alguma névoa encobrindo-a) a nota é seis; este poste aqui na frente (distante uns vinte metros), se não der para enxergá-lo a visibilidade é dois, e assim por diante".

A MEGA DOS "TERMÔMETROS"

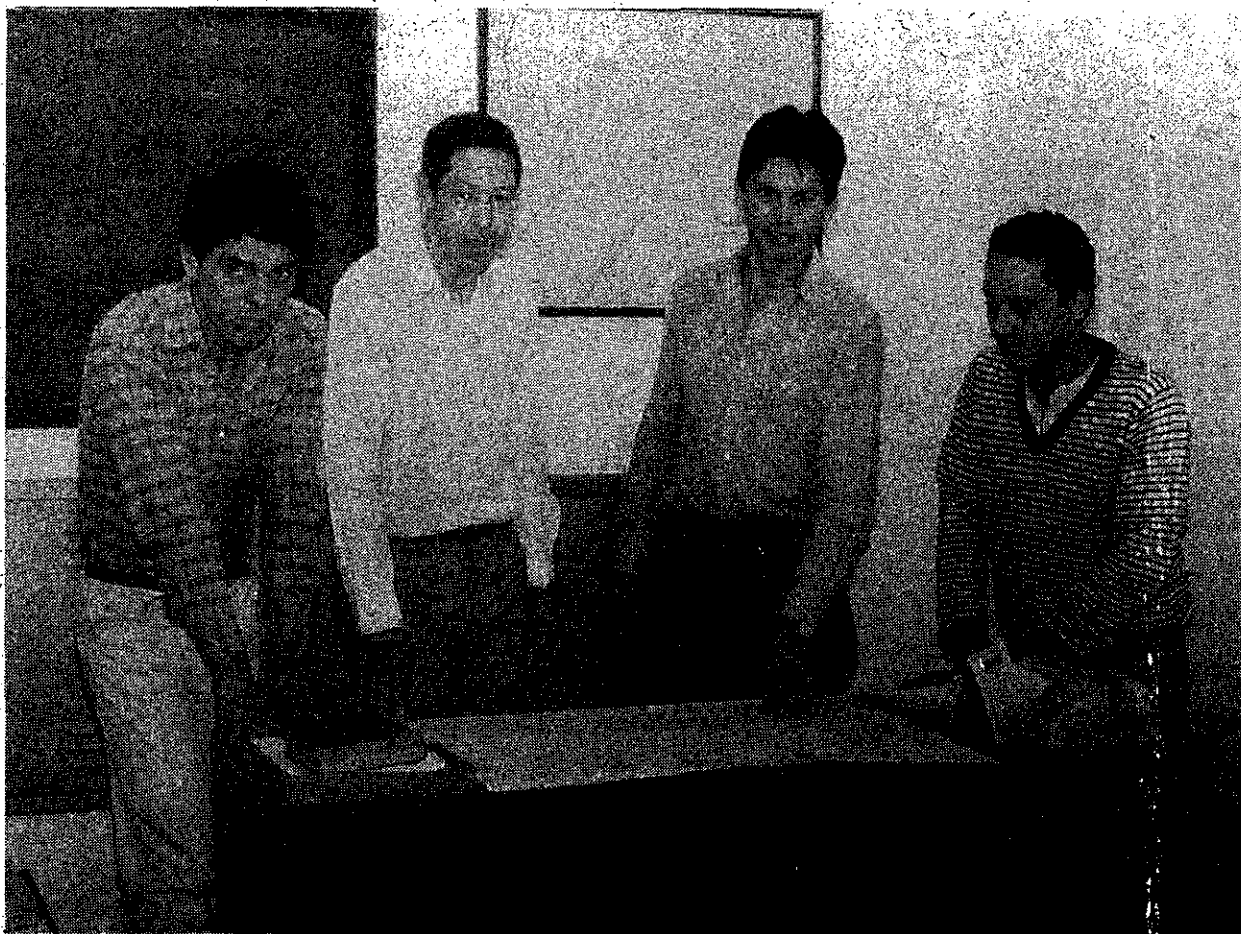
O dia na Coordenadoria de Hidrometeorologia – COHI é de hábito mais corrido pela manhã, quando deságuam nas mesas os dados de leitura de régua e de precipitação coletados pelos observadores em diferentes e importantes pontos do Estado (são as leituras das 7 da manhã chegando). De imediato, é feita a interpretação das medições de nível, logo transformadas em vazão através de cálculos que levam em conta curvas-chave anteriormente definidas (e, no caso dos reservatórios, também a vazão turbinada), para então se delinear o que foi o dia anterior em termos de comportamento hidrológico para o Paraná e para a Copel.

Durante o período de seca (mais ainda durante o racionamento de energia), naturalmente o trabalho mais que dobrou, afinal não eram poucas as pessoas (e não só da Copel) que estavam preocupadas com a situação. O telefone, insistente, ora podia ser veículo de boas novas, ora servia para nublar "ensolaradas" expectativas (ou o contrário – não era exatamente isso o que todos deviam esperar?). Estuário proposital de todos esses dados, ou "indicadores" da saúde hídrica de um Estado flagelado, a COHI passou a ser até mesmo mais conhecida no contexto da Empresa, e o seu trabalho – essencialmente técnico mas nunca secundário – assumiu uma ordem de grandeza tal que ninguém na Copel ou fora dela poderia comentar ou avaliar a situação da seca sem antes tomar conhecimento das suas informações (pelo contrário: durante o racionamento, os números da COHI e suas previsões meteorológicas é que acabaram ditando o tom em que se deveria tratar do assunto). Nesta reportagem, Copel Informações procura retratar a atividade dos profissionais da COHI, um setor ainda bastante jovem dentro da estrutura da Copel, e que desempenha um papel fundamental para a área de Operação da Empresa mesmo fora dos períodos de calamidade.

CULTIVO NA CHEIA

A Coordenadoria de Hidrometeorologia surgiu em março de 1984, na esteira das apreensões e das lições deixadas pela hecatombe de 83, quando o Paraná quase submergiu na companhia de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Até então, as atividades e atribuições da COHI circunscreviam-se a uma Divisão do Departamento de Planejamento da Operação. Segundo o gerente da Coordenadoria, Paulo Roberto Teixeira, estando a Diretoria sensibilizada pela necessidade de se preparar para essas situações imprevisíveis, a SOS, ao ensejo das alterações administrativas por que estava passando a Empresa, decidiu pela criação da COHI, dando-lhe o apoio necessário para sua implantação e estruturação.

Contando atualmente em seus quadros com sete elementos – seis caso se considere a ausência de Homero Buba, atualmente realizando curso na UFPR –, a COHI tem a seu cargo uma série extensa de atribuições e atividades, compreendendo desde a fixação de normas e especificações para operação, manejo e processamento de dados da rede hidrometeorológica da Copel até a fixação de réguas de nível nos reservatórios e marcação do grau de abertura de comporta em vertedouros para leitura imediata da vazão liberada. Fazendo tudo isso e muito mais, o setor dá à Copel condições de operar convenientemente seus reservatórios e ainda – através das previsões – programar em tempo certo e situações favoráveis os trabalhos de manutenção.



Os técnicos da COHI, a partir da esquerda: Adroaldo Goullart de Oliveira, Paulo Roberto Teixeira, Pedro Amauri Marenha e José Augusto Sava (participam, ainda, Homero Buba e Eliane Maria Araújo Weiss)

Que não se resumia nisso, entretanto: compete à COHI, ainda, supervisionar a execução de contratos e convênios para a operação, manutenção e processamento de dados hidrometeorológicos; coletar permanentemente dados de interesse da Copel junto a outras entidades; estudar e prever as disponibilidades de água para o sistema gerador da Empresa, e implantar, ordenar, manter e processar dados de postos hidrometeorológicos da própria Copel. No intercâmbio com outras entidades, a COHI tem encontrado auxílio valiosíssimo para o seu trabalho: trocando informações e dados com o Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica – DNAEE e a Superintendência de Recursos Hídricos e Meio Ambiente – SUREHMA, que dispõem de estações hidrometeorológicas em pontos de grande interesse. Também o Instituto Nacional de Meteorologia – INMET tem sido de grande valia, repassando informações que ajudam à COHI na elaboração da previsão do tempo. Mas o mais gratificante incentivo às atividades da Coordenadoria vem do Grupo Coordenador da Operação Interligada – GCOI, onde num dos subcomitês a COHI tem uma participação bastante ativa representando a Copel, e onde o intercâmbio com áreas semelhantes de outras concessionárias é mais intenso.

COLHEITA NA SECA

Para exercer um efetivo controle sobre a avaliação das condições hídricas dos cursos que interessam diretamente à Copel, a COHI vale-se de informações de estações hidrometeorológicas de União da Vitória, Porto Vitória, Jangada, Fluvópolis, Madeireira Gavazzoni e Timbó Grande, principalmente, cujos dados são anotados

e transmitidos por observadores duas vezes ao dia, permanentemente (veja quadro nas páginas centrais). Além disso é feito o monitoramento nos próprios reservatórios, onde a Coordenadoria responde pela instalação e conservação dos instrumentos (régua e pluviômetros). Esse acompanhamento é feito nas usinas de Foz do Areia, Capivari-Cachoeira, Guaricana, Chaminé (nos reservatórios de Voçoroca e Salto do Meio), Júlio de Mesquita Filho, Mourão I e Apucarantina (nos reservatórios de Apucarantina e Barragem do Fiu). Há algum tempo a COHI vem fazendo também a marcação da abertura de comporta de vertedouros, onde sinaliza visualmente, conforme o grau de abertura, a vazão que estiver sendo liberada: tal serviço, que exige dos técnicos pendores acrobáticos e muito sangue frio, já foi feito nas comportas de Voçoroca e está sendo realizado nas de Foz do Areia.

Outra tarefa de grande importância é a pesquisa de material para confecção das réguas de nível, atualmente confeccionadas em aço-carbono, a COHI está procurando uma alternativa mais econômica e que apresente boa performance em termos de durabilidade, facilidade de conservação, resistência à oxidação e – principalmente – excelente índice de confiabilidade em termos de visualização no momento da leitura, já que a precisão deve ser absoluta. O máximo em desempenho com o mínimo de custo, é o objetivo.

As relevantes atividades do setor, assim, conseguiram ganhar uma envergadura ainda maior quando menor era a disponibilidade de água, balizando os procedimentos técnicos da área de geração e informando as condições de rios e reservatórios para a orientação do público. A permanente vigilância e o desdobramento profissional dos integrantes da equipe tiveram inequívoca recompensa, seja pelo impecável comportamento técnico e na exatidão das informações transmitidas (que resultaram em benefícios à imagem da Empresa demonstrando o seu respeito à opinião pública), ou na mais cabal comprovação do acerto e correção com que atuou nos críticos meses de seca: a Copel e o Paraná conseguiram vencer esse desafio.

FÓRMULA UM - O BRASIL NA PONTA

CALENDÁRIO OFICIAL 1986

DATA	PROVA	CIRCUITO	INÍCIO
23/03	GP do Brasil	Jacarepaguá	13:00 hs
13/04	GP da Espanha	Jerez de La Frontera	08:30 hs
27/04	GP de San Marino	Imola (Itália)	09:30 hs
11/05	GP de Mônaco	Monte Carlo	10:30 hs
25/05	GP da Bélgica	SPA Francorchamps	09:30 hs
15/06	GP do Canadá	Montreal	*15:30 hs
22/06	GP dos EEUU	Detroit	14:15 hs
06/07	GP da França	Dijon Pranois	10:00 hs
13/07	GP da Inglaterra	Brands Hatch	10:30 hs
27/07	GP da Alemanha	Hockenheim	09:30 hs
10/08	GP da Hungria	Budapest	09:30 hs
17/08	GP da Áustria	Zeltweg	09:30 hs
07/09	GP da Itália	Monza	10:00 hs
21/09	GP de Portugal	Estoril	10:30 hs
12/10	GP do México	Cidade do México	16:30 hs
26/10	GP da Austrália	Adelaide	00:30 hs

(Programação fornecida pela Rede Globo de Televisão)

* - Horário provável, sujeito a confirmação.

Não poderia ter sido melhor para os brasileiros o início da temporada de Fórmula 1, onde Ayrton Senna e Nelson Piquet têm dominado amplamente - pelo menos depois das duas primeiras provas. Nos GPs do Brasil e da Espanha, os dois encabeçaram o "grid" de largada - Senna na "pole position" e Piquet a seu lado, e marcaram os pontos que lhes dão as duas primeiras posições no Campeonato Mundial da categoria.

Melhor para Senna, que depois de um segundo lugar em Jacarepaguá conseguiu uma suada porém brilhante vitória na Espanha, onde foi inaugurado o circuito de Jerez de La Frontera. Já Piquet, depois do verdadeiro "passeio" no GP do Brasil - demonstrando que o conjunto Williams/Honda é o mais afinado este ano - não teve sorte para repetir a dobradinha, abandonando a corrida praticamente na metade.

De qualquer forma, tudo leva a crer que a Fórmula 1 em 1986 será muito mais pródiga em alegria e emoções ao torcedor brasileiro que a Copa do Mundo, pois ao que se vê os carros de Senna e Piquet parecem demonstrar mais boa vontade em ajudar os pilotos do que a bola em obedecer ao comando dos selecionados de Telê. Por isso aqui estão o calendário completo das corridas neste ano com os horários de transmissão pela TV, a relação de todos os campeões da F1 e os pilotos que mais corridas conseguiram vencer.

OS GRANDES VENCEDORES (com mais de 10 vitórias)

27 vitórias:	Jackie Stewart (Escócia).
25 vitórias:	Jim Clark (Escócia) e Niki Lauda (Áustria).
24 vitórias:	Juan Manuel Fangio (Argentina).
21 vitórias:	Alain Prost (França).
16 vitórias:	Stirling Moss (Inglaterra).
14 vitórias:	Jack Brabham (Austrália), Graham Hill (Inglaterra), Emerson Fittipaldi (Brasil) e Nelson Piquet (Brasil).
13 vitórias:	Alberto Ascari (Itália).
12 vitórias:	Mário Andretti (EUA), Carlos Reutemann (Argentina) e Alan Jones (Austrália).

OS CAMPEÕES MUNDIAIS

1950 -	Giuseppe Farina (Itália), 30 pontos, Alfa Romeo
1951 -	Juan Manuel Fangio (Argentina), 31 pontos, Alfa Romeo.
1952 -	Alberto Ascari (Itália), 36 pontos, Ferrari
1953 -	Alberto Ascari (Itália), 34,5 pontos, Ferrari
1954 -	Juan Manuel Fangio (Argentina), 42 pontos, Maserati
1955 -	Juan Manuel Fangio (Argentina), 40 pontos, Mercedes Benz
1956 -	Juan Manuel Fangio (Argentina), 30 pontos, Ferrari
1957 -	Juan Manuel Fangio (Argentina), 40 pontos, Maserati
1958 -	Mike Hawthorn (Inglaterra), 42 pontos, Ferrari
1959 -	Jack Brabham (Austrália), 31 pontos, Cooper
1960 -	Jack Brabham (Austrália), 43 pontos, Cooper
1961 -	Phil Hill (EUA), 34 pontos, Ferrari
1962 -	Graham Hill (Inglaterra), 42 pontos, BRM
1963 -	Jim Clark (Escócia), 54 pontos, Lotus
1964 -	John Surtees (Inglaterra), 40 pontos, Ferrari
1965 -	Jim Clark (Escócia), 54 pontos, Lotus
1966 -	Jack Brabham (Austrália), 42 pontos, Brabham
1967 -	Denis Hulme (Nova Zelândia), 51 pontos, Brabham
1968 -	Graham Hill (Inglaterra), 48 pontos, Lotus
1969 -	Jackie Stewart (Escócia), 63 pontos, Matra
1970 -	Jochen Rindt (Áustria), 45 pontos, Lotus (post-mortem)
1971 -	Jackie Stewart (Escócia), 62 pontos, Tyrrell
1972 -	Emerson Fittipaldi (Brasil), 61 pontos, Lotus
1973 -	Jackie Stewart (Escócia), 71 pontos, Tyrrell
1974 -	Emerson Fittipaldi (Brasil), 55 pontos, McLaren
1975 -	Niki Lauda (Áustria), 64,5 pontos, Ferrari
1976 -	James Hunt (Inglaterra), 69 pontos, McLaren
1977 -	Niki Lauda (Áustria), 72 pontos, Ferrari
1978 -	Mário Andretti (EUA), 64 pontos, Lotus
1979 -	Jody Scheckter (África do Sul), 51 pontos, Ferrari
1980 -	Alan Jones (Austrália), 67 pontos, Williams
1981 -	Nelson Piquet (Brasil), 50 pontos, Brabham
1982 -	Keke Rosberg (Finlândia), 44 pontos, Williams
1983 -	Nelson Piquet (Brasil), 59 pontos, Brabham
1984 -	Niki Lauda (Áustria), 72 pontos, McLaren
1985 -	Alain Prost (França), 76 pontos, McLaren

A COPA DO MUNDO NA TEVÊ

Mesmo assim, apesar das incertezas que ainda cercam o selecionado nacional, é impossível a qualquer brasileiro manter-se alheio, à margem de um acontecimento como a Copa do Mundo. Serão 54 jogos ao todo, e todos eles com transmissão pela TV - a grande maioria, ao vivo. Eis a escala de transmissão dos jogos, com a Hora de Brasília, fornecida pela Rede Bandeirantes de Televisão:

DIA	15 horas	17 horas	19 horas
31/05	Itália x Bulgária		
01/06	Brasil x Espanha		Canadá x França
02/06	Argentina x Coreia	URSS x Hungria	Polônia x Marrocos
03/06	Argélia x Irlanda	México x Bélgica	Portugal x Inglaterra
04/06	Alemanha x Uruguai	Paraguai x Iraque	Escócia x Dinamarca
05/06	Itália x Argentina	França x URSS	Bulgária x Coreia
06/06	Brasil x Argélia	Canadá x Hungria	Marrocos x Inglaterra
07/06	Espanha x Irlanda	México x Paraguai	Polônia x Portugal
08/06	Alemanha x Escócia	Bélgica x Iraque	Uruguai x Dinamarca
09/06	França x Hungria	Canadá x URSS	
10/06	Bulgária x Argentina	Itália x Coreia	
11/06(*)	Bélgica x Paraguai	México x Iraque	Polônia x Inglaterra
12/06	Brasil x Irlanda	Espanha x Argélia	
13/06	Uruguai x Escócia	Alemanha x Dinamarca	

(*) - No dia 11, excepcionalmente, haverá transmissão também às 22:30 hs, quando será exibido o VT do jogo Marrocos x Portugal.

A segunda fase da Copa (Oitavas de Final) será disputada nos dias 15, 16, 17 e 18 de junho, sempre com dois jogos em cada dia: o primeiro às 15 e o segundo às 19 horas. As Quartas de Final terão dois jogos dia 21 e mais dois no dia 22, também às 15 e às 19 horas. As Semifinais serão jogadas no dia 25, com jogos às 15 e 19 horas, e as finais nos dias 28 (disputa de 3º lugar) e 29 (finalíssima), com os jogos começando às 15 horas.

AQUISIÇÕES DA BIBLIOTECA

CHIAVENATO, I. Administração: teoria, processo e prática. 1985. 380 p.

COGE. Setor de Energia Elétrica. Regimento de Trabalho: 2ª revisão. 1985. 23 p.

COGE. Subcomitê de Auditoria Interna. Áreas de atuação da auditoria interna. 1985. 149 p.

COGE. Subcomitê de Auditoria Interna. Plano de treinamento e atualização para auditores. 1985. 48 p.

COGE. Subcomitê Econômico-Financeiro. Sistema orçamentário 2ª fase: elaboração, controle e acompanhamento. 1985. 218 p.

COGE. Subcomitê de Recursos Humanos. Balanço social da empresa. 1985. 74 p.

COGE. Subcomitê de Recursos Humanos. Levantamento de necessidades de treinamento. 1985. 19 p.

COGE. Subcomitê de Suprimento. Manual de armazenamento e preservação de materiais. 1985. 190 p.

COGE. Subcomitê de Suprimento. Condições gerais de alienação. 1985. 49 p.

COGE. Subcomitê de Transportes. Adequação da frota. 1985. 2v.

COGE. Subcomitê de Transportes. Renovação de equipamento de transportes. 1985. 82 p.

CONGRÈS INTERNACIONAL DES GRANDS BARRAGES, 15., Lausanne, 1985. Comptes rendus. 4v.

CONSELHO NAC. DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Efemérides astronômicas 1986. 1985. 1v.

COPEL. Manual de eletrificação rural. Curitiba, s. d. 2v.

GUERRA, M. de O. & FRANÇA, P. C. T. Hidromecanização: experiência brasileira nas barragens do Rio Grande e Guarapiranga. 255 p.

IPARDES. Produto interno bruto do Paraná: 1970 - 84. 1985. 63 p.

NAISBITT, John. Megatendências: as dez grandes transformações que estão ocorrendo na sociedade moderna. 1983. 251 p.

A Biblioteca perto de você! Através do Sistema de Recuperação de Informações Bibliográficas - RIB, disponível em qualquer terminal da rede, você pode atender suas necessidades de informação, pesquisando o acervo da Divisão de Biblioteca pelo autor, título ou assunto. 1985. 2v.

Para acessá-lo, siga os seguintes procedimentos:

1º - Logotipo Copel - tecla "enter";
2º - Digite: DIAL PVM e tecla "enter" e "enter" novamente;

3º - Digite após userid: DVBI1 ou DVBI2 ou DVBI3 após password: RIB1 ou RIB2 ou RIB3. Tecla "enter" e "enter" novamente;

4º - Pressione PF4 ou digite A abaixo de ENTER INPUT, tecla "enter";

5º - Após a aplicação digite BIBLIO;

6º - Digite o seu nº de registro Copel e a sigla de sua área, tecla "enter";

O programa estará disponível para pesquisa.

Para encerrá-lo:

1º - Pressione PF12 em qualquer ponto de aplicação ou digite 9 e "enter" na tela de Supervisor de Pesquisa;

2º - Pressione PF5 ou digite B abaixo de ENTER INPUT tecla "enter" e "enter" novamente;

3º - Digite: # # # # no campo userid e pressione ERASE EOF e "enter";

4º - Pressione ALT PA1 e "enter", voltando o Logotipo Copel.

Em caso de dúvidas, estamos à disposição na DVBI - Rua 13 de Maio, 616 - Sobreloja. Fone: 222-2782 - Ramal: 131, 132.

EXPERIÊNCIA, DEDICAÇÃO NA COPEL, MAIS DA METADE DA VIDA

Leocildes Sinhorini (SRM).

ROQUE LOPES VIEIRA, um dos mais antigos empregados da Empresa, atual encarregado da Subestação 138 kV de Umuarama, fala nesta entrevista da sua vida na Copel — quem dedicou mais da metade dela — e das dúvidas e dúvidas da Empresa no começo da sua história, o difícil começo.



Natural de Cândido Motta, no Estado de São Paulo, Roque foi praticamente criado em Solo Paranaense, tendo vivido sua infância na cidade de Cornélio Procopio desde tenra idade. Casado com Lucinda Deniz Vieira desde 31.12.50, manifesta-se feliz e realizado nesse plano, em razão dos filhos — Maria de Lourdes, Sonia Regina e Sueli Aparecida (casadas) e Prescila Jaqueline e Roque Lopes Vieira Jr. — sendo que o coroamento dessa felicidade é dado pela existência de seus oito netos.

Roque, que exhibe extraordinárias condições de saúde física e mental, conta 57 anos de idade e, em sua experiência escolar cursou até a segunda série do Científico.

O PROFISSIONAL

Roque iniciou atividades no setor de eletricidade no antigo DAEE — Departamento de Águas e Energia Elétrica, órgão da administração estadual, incorporado pela Copel no ano de 1951, na cidade de Apucarana, onde operava uma unidade geradora movida a óleo diesel.

Em 1956, quando da encampação da unidade do DAEE de Maringá pela então nascente Companhia Paranaense de Energia Elétrica, passou a integrar o corpo funcional da mesma, tendo sido registrado a partir de 01.05.57, sob número 00106, sendo portanto um dos mais antigos colaboradores da COPEL na ativa.

Roque conta que quando da encampação do DAEE pela concessionária estadual, havia algumas dúvidas quanto à viabilidade da mesma e nessa época lembra ter sido instado pelo seu antigo chefe no Departamento, Leonildo Pollati para que permanecesse na COPEL. Assim procedeu e hoje, com 29 anos de Empresa, manifesta-se satisfeito em ter participado do esforço

realizado pela COPEL, para o seu crescimento bem como para o progresso da comunidade paranaense.

Nosso companheiro lembra que atualmente a Empresa busca constantemente, e por todos os meios possíveis, criar condições para que os trabalhos sejam realizados da maneira mais segura, confortável e prática para o empregado. Por outro lado, salienta que nem sempre foi assim; que no início o quadro funcional enfrentava muitas dificuldades tendo ele, como operador de usina, realizado tarefas das mais diversas como eletricitista de manutenção, mecânico, motorista etc, inclusive fiscalizando o descarregamento de óleo combustível, evitando que os transportadores causassem prejuízos à Empresa.

Trabalhou no DAEE no período de Agosto de 1951 até Novembro de 1956, e daí em diante na COPEL, iniciando em Apucarana, em seguida pela Usina Diesel de Maringá, de onde saiu em 1964 transferido para a Usina Diesel de Santa Isabel do Ivaí. Nessa ocasião, conta ele, nas horas vagas, em companhia dos operadores, fazia de tudo um pouco, tendo inclusive realizado serviços de ampliação da Rede de Distribuição de Santa Cruz do Monte Castelo. Lembra que então, a Coordenação da Copel em Maringá e região era exercida pelo Engenheiro Maurício Massaud, atual Superintendente Regional, e a Administração cabia a Raul Eggon Egg.

Em 1967 foi transferido para a Usina Hidrelétrica Mourão I onde permaneceu por três meses, sendo em seguida movimentado como Encarregado da Usina Diesel de Umuarama. Essa Usina, em Novembro de 1972 foi desativada, cedendo lugar à Subestação 138 kV que estava sendo inaugurada, ali permanecendo até hoje no cargo de Encarregado.

No período de junho/80 até janeiro/81, integrou equipe comandada pelo Engenheiro Maurício Massaud prestando serviços no longínquo estado do ACRE, onde na Capital havia a necessidade de se melhorar a estruturação dos serviços de eletricidade, implantados pela concessionária, a ELETROACRE.

A SUBESTAÇÃO DE UMUARAMA

Possui 6 alimentadores de 34,5 kV e 4 alimentadores de 13,8 kV que atendem a região e a cidade. Servida por duas Linhas Alimentadoras em 138,0 kV, sendo uma via Cianorte e outra via Assis Chateaubriand, atende à carga solicitada com 2 transformadores de força com capacidade de 41.106 MVA cada um. Situada na entrada da cidade, com seus caminhos arborizados e bem cuidados, oferece uma impressão agradável ao visitante.

Os serviços são atendidos por uma valorosa equipe da qual fazem parte os operadores:

Benedito Vaz Vieira,
Aureo Cordeiro da Silva,
José Ribeiro Xavier,
Ademir da Silva,
Antônio Adão Perin,
Dorival Borges da Costa,
Amauri Petroni e
Augusto Pedro Morando

Roque Lopes Vieira entende o trabalho em uma Subestação com muita seriedade: exige permanente atenção e aprofundado conhecimento, notadamente na realização de manobras, com o que evitar-se-ão incidentes e acidentes.

Mercê dessa forma peculiar é valiosa com que vê o trabalho, Roque exhibe com justificada satisfação a placa indicativa da MINI-CIPA local que aponta 4.687 dias sem acidentes, marca significativa do cuidado que a segurança do trabalho merece e que juntamente com toda a sua equipe ajudou a construir.

FATOS MARCANTES

Tendo dedicado mais da metade de sua vida à Empresa, Roque Lopes Vieira tem na lembrança muitos fatos relevantes da COPEL que, mencionados, dão por certo a dimensão do progresso que ela experimentou ao longo dos anos.

Por exemplo, cita que logo após o serviço de eletricidade ter sido encampado pela COPEL, havia em Maringá 4 grupos geradores da marca alemã "MANN" movidos a diesel, com capacidade de 520 HP cada um e inumeráveis dificuldades. Mais tarde foi instalada mais uma máquina de igual marca e potência. No entanto, face ao crescimento que a cidade experimentava, as dificuldades persistiam: queda de tensão, interrupções, reclamações, tendo inclusive a população em sinal de protesto pela precária qualidade do serviço, realizado um "enterro" simbólico da COPEL, em frente aos escritórios.

Outro fato lembrado por Roque refere-se a um veículo marca "INTERNATIONAL" que, lotado em Maringá para atender os serviços, teve de permanecer por dois meses em Apucarana a fim de ser reformado. Então, para realizar as tarefas, um outro empregado, Romeu Simoni, adquiriu um veículo "Pé-de-Bode" por Cr\$ 30.000,00 e alugava à COPEL na base de Cr\$ 1.000,00 por dia; assim, quando a camioneta retornou de Apucarana, o Simoni havia conseguido pagar o "Pé-de-Bode" até com uma relativa folga em cruzeiros (dos antigos).

Roque lembra que em 1960 as dificuldades financeiras eram muito acentuadas para a Empresa que capitaneava os serviços de eletricidade no Paraná, ao ponto de faltar dinheiro para pagamento do óleo combustível utilizado para a geração de energia, exigindo paciência de todos os envolvidos, os fornecedores, o público consumidor e empregados, já que a geração de energia estava ligada à disponibilidade de combustível.

Foi então que Pedro Macente passou a adquirir combustível do Maluff, na base de comprar dois caminhões e pagar um. Lembra Roque que o Maluff ia todas as tardes aguardar o "produto" da arrecadação de faturas de energia junto ao caixa do antigo SLF de Maringá.

Outro fato evocado pelo entrevistado diz respeito ao pagamento dos empregados, que era feito na forma de vales, primeiro semanais e mais tarde quinzenais. Somente a partir de março de 1963 passou a ser processado mensalmente e pontualmente.

A EMPRESA

Nosso colega tem a COPEL como uma organização exemplar para todo o país e que, tendo como finalidade propiciar condições para o desenvolvimento sócio-econômico dos paranaenses e brasileiros de outros rincões que aqui se fixam, cumpre muito bem sua missão, pela dedicação de seu quadro funcional.

Finalmente, Roque Lopes Vieira com seu modo tranquilo de ser, que inspira confiança ao primeiro contato, recomenda aos copelianos mais novos:

"VAMOS TRABALHAR COM AMOR, COM DEDICAÇÃO, APRIMORANDO NOSSOS CONHECIMENTOS, ZELANDO PELO PATRIMÔNIO MATERIAL E HUMANO DA EMPRESA. ASSIM, ESTAREMOS CONTRIBUINDO COM A COPEL E COM O PARANÁ."

Roque Lopes Vieira que, segundo suas próprias palavras, deverá aposentar-se ainda este ano, diz da experiência na COPEL: **"SE TIVESSE DE COMEÇAR TUDO DE NOVO, EU O FARIA."**

FEIRA LIVRE FEIRA

COMUNICADORES DE ABSURDOS ABSURDOS COMUNICADORES DE DE COMUNICADORES ABSURDOS COMUNICADORES ABSURDOS DE ABSURDOS DE COMUNICADORES DE ABSURDOS COMUNICADORES

A dificuldade só apareceu quando se devia substituir um número não sabido por outro que mais se aproximasse da verdade, sem que ela fosse dita ou disparatada demais para o leitor. Tratava do enlevo analítico e não morfológico da lingüística: escrever-se-ia, com dúvidas, "das milhares previstas, foram feitas 50 mil" ou "das aproximadamente previstas, foram feitas milhares" ou "já foram feitas mais do que as milhares previstas" ou "da previsão da ordem de milhares, 50 mil foram feitas" ou "quase 50 mil, das aproximadamente milhares previstas" ou "das milhares, já foram feitas aproximadamente muitas mais". Com engodo, a seguir: "representando mais de X por cento, se fosse previsto" ou "quase X por cento das aproximadamente milhares previstas".

No final, o notório senso crítico dos comunicadores houve por bem decidir e acertadamente escreveu: "Essas muitas ligações executadas representam um significativo percentual dentro do volume total previsto, que continua sendo de milhares — mas que poderiam ser ainda mais caso tivessem sido previstas antes".

BÍPEDESTRE

O rapaz estava mesmo preocupado com a possível causa da interrupção de energia no outro lado da cidade. Ia rápido, de carro, matutando em soluções...

A meio caminho foi obrigado a frear bruscamente, assutando-se porque um enorme galo insistiu em não sair do caminho. Devagar, desviou o galo que ficou ali parado, olhando, e não resistiu a um desabafo:



LIVRE PENSAR

Tem um visitante que bate na porta, mas não faz ruído.

Abro a porta que não existe e insisto.

Ele espia da porta, antes de entrar, mas não se faz visível.

Tem chão pra ele pisar e ele pisa.

Ele não tem pés, tem cheiro e eu sinto.

Tenho um visitante no íntimo.

1980

IMA

as palavras correm soltas no papel como se saíssem de tua boca e eu me calo como quem esconde o rosto e leio tuas palavras teus anzóis sou isca

1985

Denise Macedo Novaes
DAF/SSU/DVAP

ACONTECE QUE...

Um morador de Los Angeles, furioso com o coronel Kadafi, pendurou uma foto do líder líbio na parede de sua sala e disparou vários tiros contra a figura, sem se dar conta que as balas estavam atingindo a casa vizinha. A dona da casa chamou a polícia para reclamar que alguém estava atirando em sua casa. O atirador foi interrogado e contou que usava a foto do líder líbio como alvo no seu exercício de pontaria, com um rifle calibre 22. A foto e a arma foram apreendidas como provas...

- o - o - o -

Uma menina de apenas seis meses foi "raptada" no último dia 13 de abril por um condor que a prendeu entre as garras em pleno voo e desapareceu com ela pelos escarpados andinos, em meio aos gritos da mãe que a tudo assistiu. O "raptado", primeiro do gênero registrado na comunidade camponesa de Andahuaylas, no interior do Peru. Segundo a mãe, a criança estava numa clareira enquanto ela trabalhava no campo. A vizinhança toda saiu em busca do ladrão, armada de paus e instrumentos rudimentares, mas mesmo assim não conseguiu êxito na missão...

(extraído Gazeta do Povo)



LEVA EM MERCADORIA!

Não havia ainda o atendimento personalizado nas agências, formavam-se filas enormes. Havia ainda o centavo do cruzeiro.

Em Guaíra, uma senhora de idade avançada entrou na fila para efetuar o pagamento de sua fatura. À sua vez, a atendente recebeu, autenticou a fatura e desculpou-se por não ter dez centavos de troco. A velhinha fez pé firme e tudo para receber os centavos...

A fila aumentava, o povo ali, brabo, reclamando da morosidade do atendimento. A atendente procurou, perguntou, mas ninguém tinha os dez centavos. E a velha não arredava o pé da fila.

Sem perder a calma, aparentemente, e a classe, mas com os nervos à flor da pele, a atendente disse, docemente:

— Olha, minha senhora, como eu não tenho os dez centavos de troco em dinheiro, vai ali, põe o dedo naquela tomada e leva dez centavos em energia para casa...

E a fila foi liberada!



"CANNON"

EM

'O PROTETOR DOS INDEFESOS'

— Puxa, saiu-se muito bem no filme de ontem, Cannon! Parabéns!

Quem não se lembra do famoso seriado de Televisão com o personagem "Cannon" (William Conrad) como centro de atenções? Pois é, você haverá de, se olhar para Ulisses Mendês, 58 anos, lotado no Departamento de Transportes e prestando serviços da SSP. Ele tornou-se conhecido por esse "nome" às vezes confundido como doublé dos filmes ou simplesmente como menecma do personagem detetive. Ulisses até que gosta de ser chamado assim porque considera que se assemelha ao Cannon dos filmes também sob outros aspectos, sua personalidade, seu modo de viver — "eu sou realmente como ele, não mato ninguém, prendo somente, se preciso for".

Em função das atividades que Ulisses desenvolve na Empresa — motorista, com horários pré-fixados e não interruptíveis — a reportagem do Copel Informações foi até sua casa, num sábado, para um bate-papo descontraído sobre sua vida, seu trabalho, sua família.

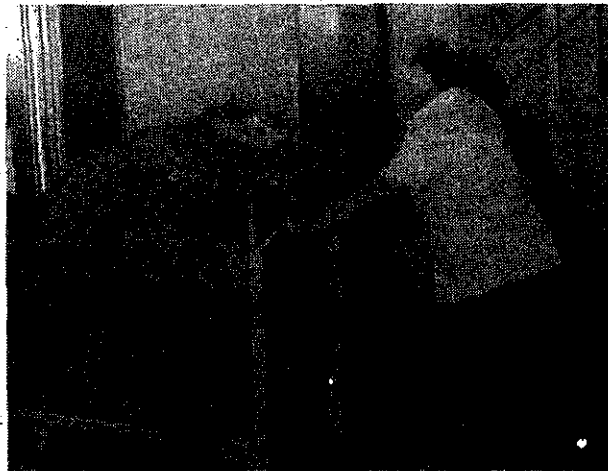
Nosso personagem é casado com dona Terezinha, há 37 anos, e é pai de dois filhos. Há vinte e quatro anos trabalha na Empresa — está preparando a aposentadoria, diz — onde "sempre gostei do serviço e aproveitei para fazer da amizade com os colegas um forte elo a mais para desenvolver melhor minha atividade".

Talvez o fato mais interessante da carreira tenha sido justamente o teste prático para entrar na Copel. "Chagamos ressabiados (havia mais cinco concorrentes)



— Que tal a vida?
— A que Deus dá é ótima. Aliás, a gente é que reclama, às vezes, sem dar uma força pra ela.

ao local do teste. Por sorte ou por azar, começaram por mim. O pior é que o tal caminhão que deveria dirigir estava com uma carga bem alta, pronto para levá-la ao interior do Estado. O que se podia ver atrás, via-se pelo retrovisor externo e ainda assim, mal se via a entrada do portão. Veio o homem do teste e foi dizendo "Ulisses, faça de conta que vai viajar! Não tive dúvidas: bati os pneus com o martelo ('isso não precisa'), abri o capô para verificar a água do radiador ('está tudo revisado, vá em frente'), entrei no caminhão, fiz funcionar e já estava manobrando, para sair de frente pelo portão — que não sou bobo — quando 'manobra, não senhor, de ré'. E daí, logo eu que era só motorista de praça! Felizmente deu tudo certo, apesar da tremedeira. Mandaram viajar e eu ia; só depois fiquei sabendo que na Copel os carros sempre estão revisados. Esse foi o meu batismo na Copel para uma carreira de 24 anos".



Já na sua vida fora da Copel, Cannon é um amante da natureza, de canários, principalmente. Aos sábados o serviço é duro aqui em casa — leva mais de uma hora para tratar dos bichinhos, limpar as gaiolas, levar os canários para o banho de sol — uma verdadeira paixão. "Por isso falei que sou meio parecido com aquele detetive dos filmes — não mato, prendo; às vezes prendo para que não matem". Bela filosofia, sem dúvida, que aliada à definição que deu para suas horas de folga — "o que você quer mais se tem saúde, torce para o melhor time do Brasil (o campeão atual), está sentado numa sombra dessas, saboreando uma boa cerveja e ouvindo/vendo os pássaros cantando" — o torna folgazão, expert

em viver saudável e com a sensação de muito ter dado de si para a família e a Empresa.

Quanto a dona Terezinha, é ela quem cuida do vasto quintal — e com que esmero — onde cultiva verduras e várias espécies frutíferas. Sempre ativa, correndinho, como faz seu serviço diário, procura escapar da objetiva do nosso fotógrafo — "não faça isso, a entrevista é com ele e depois, estou com roupa de trabalhar na roça" (já para a foto posada foi (correndo) trocar de vestido).

O cotidiano lhe apraz. Para iniciar a jornada de trabalho, Cannon sai de casa, diariamente, lá pela cinco e meia para estar no Transporte até seis horas de onde vai à sede apanhar malotes para uma "via-sacra" aos diversos prédios da Empresa. Já antes das oito horas está de volta à sede com as correspondências que foi apanhar no correio. Depois disso, as idas e vindas constantes, a serviço da SSP.

— Os inimigos existem?
— Se algum dia ficasse sem amigos, convidava um inimigo para um churrasco, só pra ter companhia. Amigos não se tornam inimigos.

— A família, Cannon?
— Hoje é bem diferente, pelo amor de Deus. Mas não foram os pais ou os filhos que a mudaram. É a sociedade que a forja assim.

